

O PERISPÍRITO SEGUNDO ALLAN KARDEC

Antologia segundo as obras básicas da Codificação Espírita.

O presente trabalho
foi realizado a partir dos textos contidos
na Homepage do
IDE-Instituto de Difusão Espírita
<http://www.ide.org.br/cde-port/>

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

Perispírito.

93 - O Espírito propriamente dito tem alguma cobertura ou está, como pretendem alguns, envolvido numa substância qualquer?

- *O Espírito está revestido de uma substância vaporosa para os teus olhos, mas ainda bem grosseira para nós; muito vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e se transportar para onde queira.*

Assim como o germe de um fruto é envolvido pelo perisperma, da mesma forma o Espírito propriamente dito está revestido de um envoltório que, por comparação, pode-se chamar de perispírito.

94 - De onde o Espírito toma o seu invólucro semi-material ?

- *Do fluido universal de cada globo. Por isso, ele não é o mesmo em todos os mundos. Passando de um mundo para outro, o Espírito troca seu envoltório, como mudais de roupa.*

- Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm entre nós, tomam um perispírito mais grosseiro?

- *Já o dissemos: é preciso que eles se revistam da vossa matéria.*

95 - O envoltório semi-material do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível?

- *Sim; tem uma forma que o Espírito deseja, e é assim que ele se vos apresenta algumas vezes, seja em sonho, seja em estado de vigília, podendo tomar forma visível e mesmo palpável.*

Perispírito nos espíritos puros

186 - Há mundos onde o Espírito, cessando de habitar corpos materiais, só tenha por envoltório o perispírito?

- *Sim, e esse próprio envoltório torna-se tão etéreo que, para vós, é como se não existisse; é o estado dos Espíritos puros.*

- Resulta daí, ao que parece, que não há uma demarcação definida entre o estado das últimas encarnações e aquele dos Espíritos puros?

- *Essa demarcação não existe; a diferença, que se desfaz pouco a pouco, torna-se imperceptível, como a noite que se desfaz aos primeiros clarões do dia.*

187 - A substância do perispírito é a mesma em todos os mundos?

- *Não; ela é mais ou menos etérea. Passando de um mundo para outro o Espírito se reveste da matéria própria de cada um, com mais rapidez que um relâmpago.*

188 - Os Espíritos puros habitam mundos especiais ou estão no espaço universal sem estarem mais ligados a um mundo que a outro?

- *Os Espíritos puros habitam certos mundos, mas não estão confinados neles como os homens sobre a Terra; eles podem, melhor que os outros, estar por toda a parte. [1]*

Ensaio teórico sobre a sensação nos espíritos.

257 – O corpo é o instrumento da dor e, se não é a sua causa primeira, pelo menos é a causa imediata. A alma tem a percepção da dor mas essa percepção é um efeito. A lembrança que dela conserva pode ser muito penosa, contudo, não pode ter ação física. Com efeito, nem o frio, nem o calor podem desorganizar os tecidos da alma e esta não pode gelar-se nem queimar-se. Não vemos, todos os dias, a lembrança ou a apreensão de um mal físico, produzir efeitos tão reais e ocasionar mesmo a morte? Todo o mundo sabe que as pessoas amputadas sentem dor no membro que não existe mais. Seguramente, não é nesse membro que está a sede ou o ponto de partida da dor; apenas o cérebro conservou a impressão da dor. Pode-se, pois, crer que há alguma coisa de analogia com os sofrimentos do Espírito depois da morte. Um estudo mais aprofundado do perispírito, que desempenha um papel muito importante em todos os fenômenos espíritas, como as aparições vaporosas ou tangíveis, o estado do Espírito no momento da morte, a idéia tão freqüente de que ainda está vivo, o quadro tão comovente dos suicidas, dos supliciados, dos que se deixaram absorver nos prazeres materiais, e tantos outros fatos, vieram fazer luz sobre essa questão e dar lugar às explicações que damos, aqui, resumidas.

O perispírito é o laço que une o Espírito à matéria do corpo, sendo tirado do meio ambiente, do fluido universal; contém ao mesmo tempo, eletricidade, fluido magnético e, até certo ponto, a matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria, o princípio da vida orgânica, mas não da vida intelectual, porque esta está no Espírito. É, além disso, o agente das sensações externas. No corpo, essas sensações estão localizadas pelos órgãos que lhes servem de canais. Destruído o corpo, as sensações ficam generalizadas.

Eis porque o Espírito não diz que sofre mais da cabeça do que dos pés. É preciso, de resto, não confundir as sensações do perispírito, que se tornou independente, com as do corpo; não podemos tomar estas últimas como análogas, mas apenas como termo de comparação. Libertado do corpo, o Espírito pode sofrer, mas esse sofrimento não é corporal, embora não seja exclusivamente moral como o remorso, uma vez que ele se queixa de frio e de calor. Ele não sofre mais no inverno que no verão e o temos visto passar através das chamas sem nada experimentar de penoso; a temperatura não lhes causa, pois, nenhuma impressão. A dor que ele sente não é propriamente uma dor física, mas um vago sentimento íntimo que o próprio Espírito nem sempre entende, precisamente porque a dor não está localizada e não é produzida por agentes externos: é mais uma lembrança que uma realidade, porém, uma recordação também penosa. Há, algumas vezes, entretanto, mais que uma lembrança, como iremos ver.

A experiência nos ensina que no momento da morte o perispírito se liberta mais ou menos lentamente do corpo. Durante os primeiros instantes, o Espírito não entende sua situação: não se crê morto porque se sente vivo; vê seu corpo de um lado, sabe que é seu, mas não entende porque está separado dele. Este estado perdura enquanto existe alguma ligação entre o corpo e o perispírito. Um suicida nos disse: Não, não estou morto – e juntou – entretanto, sinto os vermes que me roem. Ora, seguramente, os vermes não roíam o perispírito, e muito menos o Espírito; roíam apenas o corpo. Entretanto, como a separação do corpo e do perispírito não tinha se completado, resultava uma espécie de repercussão moral que lhe transmitia a sensação do que se passava no corpo. Repercussão pode não ser talvez a palavra certa, pois, faria supor um efeito muito material; era antes a visão do que se passava no corpo, ligado ainda ao seu perispírito, que produzia nele uma ilusão, a qual tomava por uma realidade. Assim, não era uma lembrança, pois que, durante sua vida não havia sido roído pelos vermes; era o sentimento de um fato atual. Vê-se, por aí, as deduções que se podem tirar dos fatos, quando são observados atentamente. Durante a vida, o corpo recebe as impressões exteriores e as transmite ao Espírito

por intermédio do perispírito que constitui, provavelmente, o que se chama de fluido nervoso. Morto o corpo, ele não sente mais nada, visto que não há mais nele Espírito, nem perispírito. O perispírito, desprendido do corpo, experimenta sensação, mas como esta não lhe chega mais por um canal limitado, é generalizada. Ora, como na realidade ele não é mais que um agente de transmissão, pois é no Espírito que está a consciência, resulta disso que se pudesse existir um perispírito sem Espírito, ele não sentiria mais do que um corpo morto. Da mesma forma, se o Espírito não tivesse o perispírito, seria inacessível a toda a sensação penosa, como ocorre com os Espíritos completamente purificados. Sabemos que quanto mais eles se purificam, mais a essência do perispírito se torna etérea, do que se segue que a influência material diminui à medida que o Espírito progride, quer dizer, à medida que o próprio perispírito se torna menos grosseiro.

Mas, dir-se-á, as sensações agradáveis são transmitidas ao Espírito pelo perispírito, da mesma forma que as sensações desagradáveis; ora, se o Espírito puro é inacessível a umas, deve ser igualmente a outras. Sim, sem dúvida, para aquelas que provêm unicamente da influência da matéria que conhecemos: o som dos nossos instrumentos, o perfume de nossas flores, nenhuma impressão lhe causam. Entretanto, ele experimenta sensações íntimas, de um encanto indefinível que nem podemos imaginar, pois a esse respeito somos como cegos de nascença em relação à luz: sabemos que ela existe, mas por que meio? Aí se detém a nossa ciência.

Sabemos que existe percepção, sensação, audição, visão; que essas faculdades são atributos de todo o ser, e não, como no homem, de uma parte do ser; mas, ainda uma vez, por que intermediário? É o que não sabemos. Os próprios Espíritos não pode nos dar conta, visto que nossa linguagem não está em condições de exprimir as idéias que não temos, da mesma forma que a língua dos selvagens não tem termos para exprimir nossas artes, nossas ciências e nossas doutrinas filosóficas.

Dizendo que os Espíritos são inacessíveis às impressões da nossa matéria, queremos falar dos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia em nosso mundo. O mesmo não ocorre com os de perispírito mais denso, que percebem os nossos sons e os nossos odores, embora não o façam por uma parte da sua individualidade, como quando em vida. Poder-se-ia dizer que as vibrações moleculares se fazem sentir em todo o ser e chegam, assim, ao seu sensorium commune, que é o próprio Espírito, embora de um modo diferente, e pode ser também com uma impressão diferente, o que produz uma modificação na percepção. Eles ouvem o som da nossa voz, entretanto, nos compreendem sem o auxílio da palavra, apenas pela transmissão do pensamento. Isso vem em apoio ao que dissemos: essa penetração é tanto mais fácil quanto mais o Espírito está desmaterializado. Quanto à visão, ela independe da nossa luz. A faculdade de ver é um atributo essencial da nossa alma; para ela não há obscuridade, e apresenta-se mais extensa, mais penetrante para os que estão mais purificados. A alma, ou o Espírito, tem pois, em si mesmo, a faculdade de todas as percepções; na vida corpórea elas são limitadas pela grosseria de seus órgãos, contudo, na vida extra-corpórea o são cada vez menos à medida que se torna menos compacto o envoltório semi-material.

Esse envoltório, tirado do meio ambiente, varia de acordo com a natureza dos mundos. Passando de um mundo a outro, os Espíritos trocam de envoltório como trocamos de roupa ao passarmos do inverno para o verão, ou do pólo para o equador. Os Espíritos mais elevados, quando nos vêm visitar, revestem-se do perispírito terrestre e, então, suas percepções operam como nos Espíritos vulgares; mas todos, inferiores como superiores, não ouvem e não sentem mais do que aquilo que querem ouvir ou sentir. Sem possuírem órgãos sensitivos, podem tornar, à vontade, ativas ou nulas suas percepções; só uma coisa são forçados a ouvir: os conselhos

dos bons Espíritos. A visão é sempre ativa, mas eles podem, reciprocamente, tornarem-se invisíveis uns aos outros. Segundo a categoria que ocupem, podem ocultar-se dos que lhes são inferiores, mas não o podem dos que lhes são superiores. Nos primeiros momentos que se seguem à morte, a visão do Espírito é sempre perturbada e confusa e se aclara à medida que se desprende e pode adquirir a mesma clareza que durante a vida, independentemente da sua penetração através dos corpos que nos são opacos. Quanto à sua extensão pelo espaço infinito, no futuro e no passado, depende do grau de pureza e elevação do Espírito.

Toda esta teoria, dir-se-á, não é nada tranqüilizadora. Pensávamos que, uma vez desembaraçados do nosso envoltório grosseiro, instrumento das nossas dores, não sofreríamos mais e nos informais que ainda sofreremos e, seja de uma maneira ou de outra, é sempre sofrer. Ah! sim, podemos ainda sofrer muito e por muito tempo, mas, podemos também não mais sofrer, mesmo desde o instante em que deixamos a vida corpórea.

Os sofrimentos deste mundo, algumas vezes, independem de nós, mas muitos são conseqüências da nossa vontade. Remontando à origem, ver-se-á que, em sua maior parte, resultam de causas que poderíamos evitar. Quantos males e enfermidades deve o homem aos seus excessos, à sua ambição, às suas paixões? O homem que tivesse vivido sempre sobriamente, sem abusar de nada, com simplicidade de gostos, modesto em seus desejos, se pouparia de muitas tribulações. Ocorre o mesmo com o Espírito; os sofrimentos que enfrenta são conseqüência da maneira que viveu sobre a Terra. Sem dúvida, não terá mais a gota e o reumatismo, mas terá outros sofrimentos que não são menores. Vimos que esses sofrimentos resultam dos laços que ainda existem entre o Espírito e a matéria e que quanto mais se liberta da influência da matéria, quanto mais se desmaterializa, sofre menos as sensações penosas. Ora, depende dele libertar-se dessa influência desde a vida atual; tem o seu livre arbítrio e, por conseguinte, a faculdade de escolher entre fazer e não fazer. Dome ele as suas paixões animais, não sinta ódio, nem inveja, nem ciúme, nem orgulho; não se deixe dominar pelo orgulho e purifique a sua alma pelos bons sentimentos, que faça o bem e dê às coisas deste mundo a importância que elas merecem, então, mesmo estando encarnado, já estará depurado, liberto da matéria, e quando deixar seu corpo não mais lhe suportará a influência. Nenhuma recordação dolorosa, nenhuma impressão desagradável lhe restará dos sofrimentos físicos que experimentou, porque elas afetaram o corpo e não o Espírito. Sentir-se-á feliz de ter se libertado delas e a calma de sua consciência o isentará de todo o sofrimento moral. Interrogamos milhares de Espíritos, que pertenceram a todas as categorias da sociedade terrena, a todas as posições sociais; estudamo-los em todos os períodos da sua vida espírita, a partir do momento em que deixaram o corpo; seguimo-los, passo a passo, nessa vida de além-túmulo, para observar as mudanças que neles se operavam, em idéias, em suas sensações e, sob esse aspecto, os homens mais vulgares não foram os que nos forneceram materiais de estudo menos preciosos. Ora, constatamos sempre que os sofrimentos tinham relação com a conduta, da qual suportavam as conseqüências, e que essa nova existência era a fonte de uma felicidade inefável para os que seguiram o bom caminho. Segue-se daí que os que sofrem, sofrem porque quiseram e só de si mesmos podem queixar-se, tanto neste como no outro mundo.

LIVRO DOS MÉDIUNS

Conceito de perispírito

Imaginemos primeiro o Espírito em sua união com o corpo; o Espírito é o ser principal, já que é o ser pensante e sobrevivente; o corpo, pois, não é senão um acessório do Espírito, um envoltório, uma veste que ele deixa quando está estragada. Além desse envoltório material, o Espírito tem um segundo, semi-material, que o une ao primeiro; na morte, o Espírito se despoja deste, mas não do segundo ao qual damos o nome de perispírito. Esse envoltório semi-material, que afeta a forma humana, constitui para ele um corpo fluídico, vaporoso, mas que, por nos ser invisível em seu estado normal, não deixa de possuir algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração, mas um ser limitado e circunscrito, ao qual não falta senão ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Por que, pois, não agiria sobre a matéria? Por que seu corpo é fluídico? Mas não é entre os fluidos, os mais rarefeitos, aqueles que se consideram como imponderáveis, a eletricidade por exemplo, que o homem acha seus mais poderosos motores? É que a luz imponderável não exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Nós não conhecemos a natureza íntima do perispírito; mas supondo-o formado de matéria elétrica, ou outra tão sutil, por que não teria a mesma propriedade estando dirigido por uma vontade?

50. Sistema da alma material; consiste, unicamente, numa opinião particular sobre a natureza íntima da alma. Segundo esta opinião, a alma e o perispírito não seriam duas coisas distintas, ou, melhor dizendo, o perispírito não seria outro senão a própria alma, se depurando gradualmente pelas diversas transmigrações, como o álcool se depura pelas diversas destilações, enquanto a Doutrina Espírita não considera o perispírito senão como o envoltório fluídico da alma ou do Espírito. O perispírito sendo matéria, embora muito etérea, a alma seria assim de uma natureza material mais ou menos essencial segundo o grau da sua depuração.

Este sistema não infirma nenhum dos princípios fundamentais da Doutrina Espírita, porque nada muda na destinação da alma; as condições de sua felicidade futura são sempre as mesmas; a alma e o perispírito formam um todo, sob o nome de Espírito, como o germe e o perisperma o formam sob o nome de fruto; toda a questão se reduz em considerar o todo como homogêneo, em lugar de estar formado por duas partes distintas.

Como se vê, isso não leva a nenhuma consequência, e disso não teríamos falado se não tivéssemos encontrado pessoas inclinadas a ver uma nova escola no que não é, definitivamente, senão uma simples interpretação de palavras. Esta opinião, de resto muito restrita, fosse mesmo mais geral, não constituiria uma cisão entre os espíritas, mais do que as duas teorias da emissão ou das ondulações da luz não foi uma entre os físicos. Os que quisessem formar partido por uma questão tão pueril, provariam, só por isso, que dão mais importância ao acessório do que à coisa principal, e que são levados à desunião por Espíritos que não podem ser bons, porque os bons Espíritos não insuflam jamais a acrimônia e a cizânia; por isso exortamos todos os verdadeiros espíritas a se porem em guarda contra semelhantes sugestões, e não ligar a certos detalhes mais importância do que merecem; o essencial é o fundo.

Creemos necessário dever dizer, em poucas palavras, sobre o que se apoia a opinião daqueles que consideram a alma e o perispírito como duas coisas distintas. Está fundada nos ensinamentos dos Espíritos que jamais variaram a esse respeito; falamos dos Espíritos esclarecidos, porque entre eles os há os que não sabem mais, e mesmo menos do que os

homens, ao passo que a teoria contrária é uma concepção humana. Não inventamos, nem supusemos o perispírito para explicar os fenômenos; sua existência nos foi revelada pelos Espíritos, e a observação no-la confirmou (O Livro dos Espíritos, no 93). Ela se apoia, ainda, sobre o estudo das sensações dos Espíritos (O Livro dos Espíritos, no 257) e, sobretudo, sobre os fenômenos das aparições tangíveis que implicariam, segundo a outra opinião, a solidificação e a desagregação das partes constituintes da alma e, por conseqüência, sua desorganização. Seria necessário, por outro lado, que esta matéria, que pode impressionar os sentidos, fosse, ela mesma, o princípio inteligente, o que não é mais racional que confundir o corpo com a alma, ou a veste com o corpo. Quanto à natureza íntima das almas, nos é desconhecida. Quando se diz que é imaterial, é preciso entender no sentido relativo, e não absoluto, porque a imaterialidade absoluta seria o nada; ora, a alma ou Espírito é alguma coisa; quer-se dizer que sua essência é de tal modo superior que não tem nenhuma analogia com aquilo que nós chamamos matéria e, assim, para nós, é imaterial (O Livro dos Espíritos, no 23 e 82).

51. Eis aqui a resposta dada, a esse respeito, por um Espírito:

"O que uns chamam perispírito não é outra coisa senão o que os outros chamam envoltório material fluídico. Direi, para me fazer compreender de maneira mais lógica, que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos, a extensão da vista e das idéias: falo dos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; pois são matéria como vedes; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem experimentar os Espíritos superiores, uma vez que os fluidos terrestres são depurados ao redor do pensamento, quer dizer, da alma. A alma, para seu progresso, tem sempre, necessidade de um agente; a alma, sem agente, não é nada para vós ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. O perispírito para nós, Espíritos errantes, é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente pelo vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente à vossa alma; daí os infinitos matizes de médiuns e de comunicações. Agora, resta o ponto de vista científico, quer dizer, a própria essência do perispírito; este é um outro assunto. Compreendi primeiro moralmente; não resta mais do que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento; a ciência não conhece bastante, mas lá chegará se quiser caminhar com o Espiritismo. O perispírito pode variar e mudar ao infinito; a alma é o pensamento: não muda de natureza; a esse respeito não vades mais longe, é um ponto que não pode ser explicado. Credes que não procuro como vós? Vós, buscais o perispírito; nós buscamos a alma. Esperai, pois.
– Lamennais".

54. Numerosas observações de fatos irrecusáveis, dos quais falaremos mais tarde, conduziram a esta conseqüência de que há no homem três coisas:

1.^a) alma ou Espírito, princípio inteligente em que reside o senso moral;

2.^a) o corpo, envoltório grosseiro, material, do qual está temporariamente revestido para o cumprimento de certos objetivos providenciais;

3.^a) o perispírito, envoltório fluídico, semi-material, servindo de laço entre a alma e o corpo.

A morte é a destruição, ou melhor, a desagregação do envoltório grosseiro, daquele que a alma abandona; o outro se separa e segue a alma que se encontra, dessa maneira, sempre como um envoltório; este último, se bem que fluídico, etéreo, vaporoso, invisível para nós em seu estado

normal, não deixa de ser matéria, embora, até o presente, não pudéssemos apanhá-la e submetê-la à análise.

Este segundo envoltório da alma ou perispírito existe, pois, durante a vida corporal; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe, aquele pelo qual o Espírito transmite sua vontade ao exterior e age sobre os órgãos. Para nos servir de uma comparação material, é o fio elétrico condutor que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, enfim, esse agente misterioso, inacessível, designado sob o nome de fluido nervoso, que desempenha um grande papel na economia e do qual não dá bastante conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos. A Medicina, não considerando senão o elemento material ponderável, se priva, na apreciação dos fatos, de uma causa incessante, de ação. Mas não é aqui o lugar de examinar essa questão; faremos somente notar que o conhecimento do perispírito é a chave de uma multidão de problemas até agora inexplicados.

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais se recorrem na ciência, algumas vezes, para a explicação de um fato; sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, mas um resultado da observação, como teremos ocasião de demonstrá-lo. Para o momento, e para não antecipar sobre os fatos que iremos relatar, nos limitaremos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma jamais está separada de seu perispírito.

55. Disse-se que o Espírito é uma chama, uma chispa; isto se deve entender do Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer grau que se encontre, está sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja matéria se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da do Espírito, e que não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, pois, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito como apenas o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e quando nos aparece é, geralmente, aquela sob a qual conhecemos o Espírito em sua vida. Poder-se-ia crer, em razão disso, que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se amolda de alguma sorte sobre ele e lhe conserva o tipo, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas diferenças aproximadas de detalhes, e salvo as modificações necessitadas para o meio no qual o ser foi chamado a viver, se encontra nos habitantes de todos os globos, é, ao menos, o que dizem os Espíritos; é, igualmente, a forma de todos os Espíritos não encarnados e que não têm senão o perispírito; é aquela sob a qual, em todos os tempos, se representaram os anjos ou Espíritos puros; de onde devemos concluir que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, qualquer que seja o grau ao qual pertencem. Mas a matéria sutil do perispírito não tem tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; se podemos nos exprimir assim, ela é flexível e expansível; por isso a forma que toma, se bem que calcada sobre a do corpo, não é absoluta; amolda-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar tal ou tal aparência a seu gosto, enquanto o envoltório sólido lhe oferece uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, se transforma, em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. É por consequência dessa propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito, que quer se fazer reconhecer, pode, quando necessário, tomar a exata aparência que tinha em sua vida, mesmo a de acidentes corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são pois, seres semelhantes a nós, formando, ao nosso redor, toda uma população invisível em seu estado normal; dizemos em seu estado normal, porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque ela é essencial para a explicação que vamos dar. Nós dissemos que, embora fluídica, não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta do fato das aparições tangíveis, sobre as quais voltaremos. Viu-se, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm calor, que se podem apalpar, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que vos agarram e, de repente, se esvanecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que, evidentemente, obedecem a uma vontade em executando certos movimentos, tocando mesmo melodias em um instrumento, provam que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, em uma palavra, a impressão que fazem sobre os sentidos, se a viu deixar marcas sobre a pele, dar golpes dolorosos, ou acariciar delicadamente, provam que são de matéria qualquer. Sua desaparecimento instantânea prova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar, alternativamente, do estado sólido para o estado fluídico, e reciprocamente.

Forma do Perispírito,

O perispírito não é uma dessas hipóteses às quais se recorrem na ciência, algumas vezes, para a explicação de um fato; sua existência não é revelada somente pelos Espíritos, mas um resultado da observação, como teremos ocasião de demonstrá-lo. Para o momento, e para não antecipar sobre os fatos que iremos relatar, nos limitaremos a dizer que, seja durante sua união com o corpo, seja depois de sua separação, a alma jamais está separada de seu perispírito.

55. Disse-se que o Espírito é uma chama, uma chispa; isto se deve entender do Espírito propriamente dito, como princípio intelectual e moral, e ao qual não se poderia atribuir uma forma determinada; mas, em qualquer grau que se encontre, está sempre revestido de um envoltório ou perispírito, cuja matéria se eteriza à medida que ele se purifica e se eleva na hierarquia; de tal sorte que, para nós, a idéia de forma é inseparável da do Espírito, e que não concebemos um sem o outro. O perispírito faz, pois, parte integrante do Espírito, como o corpo faz parte integrante do homem; mas o perispírito sozinho não é o Espírito como apenas o corpo não é o homem, porque o perispírito não pensa; é para o Espírito o que o corpo é para o homem; é o agente ou o instrumento de sua ação.

56. A forma do perispírito é a forma humana, e quando nos aparece é, geralmente, aquela sob a qual conhecemos o Espírito em sua vida. Poder-se-ia crer, em razão disso, que o perispírito, separado de todas as partes do corpo, se amolda de alguma sorte sobre ele e lhe conserva o tipo, mas não parece que seja assim. A forma humana, com algumas diferenças aproximadas de detalhes, e salvo as modificações necessitadas para o meio no qual o ser foi chamado a viver, se encontra nos habitantes de todos os globos, é, ao menos, o que dizem os Espíritos; é, igualmente, a forma de todos os Espíritos não encarnados e que não têm senão o perispírito; é aquela sob a qual, em todos os tempos, se representaram os anjos ou Espíritos puros; de onde devemos concluir que a forma humana é a forma tipo de todos os seres humanos, qualquer que seja o grau ao qual pertencem. Mas a matéria sutil do perispírito não tem tenacidade nem a rigidez da matéria compacta do corpo; se podemos nos exprimir assim, ela é flexível e expansível; por isso a forma que toma, se bem que calcada sobre a do corpo, não é absoluta; amolda-se à vontade do Espírito, que pode lhe dar tal ou tal aparência a seu gosto, enquanto o envoltório sólido lhe oferece uma resistência insuperável. Desembaraçado desse entrave que o

comprimia, o perispírito se expande ou se contrai, se transforma, em uma palavra, se presta a todas as metamorfoses, segundo a vontade que age sobre ele. É por consequência dessa propriedade de seu envoltório fluídico que o Espírito, que quer se fazer reconhecer, pode, quando necessário, tomar a exata aparência que tinha em sua vida, mesmo a de acidentes corporais que podem ser sinais de reconhecimento.

Os Espíritos, como se vê, são pois, seres semelhantes a nós, formando, ao nosso redor, toda uma população invisível em seu estado normal; dizemos em seu estado normal, porque, como veremos, essa invisibilidade não é absoluta.

57. Voltemos à natureza do perispírito, porque ela é essencial para a explicação que vamos dar. Nós dissemos que, embora fluídica, não deixa de ser uma espécie de matéria, e isso resulta do fato das aparições tangíveis, sobre as quais voltaremos. Viu-se, sob a influência de certos médiuns, aparecerem mãos com todas as propriedades de mãos vivas, que têm calor, que se podem apalpar, que oferecem a resistência de um corpo sólido, que vos agarram e, de repente, se esvanecem como uma sombra. A ação inteligente dessas mãos que, evidentemente, obedecem a uma vontade em executando certos movimentos, tocando mesmo melodias em um instrumento, provam que elas são a parte visível de um ser inteligente invisível. Sua tangibilidade, sua temperatura, em uma palavra, a impressão que fazem sobre os sentidos, se a viu deixar marcas sobre a pele, dar golpes dolorosos, ou acariciar delicadamente, provam que são de matéria qualquer. Sua desaparecimento instantânea prova, por outro lado, que essa matéria é eminentemente sutil e se comporta como certas substâncias que podem passar, alternativamente, do estado sólido para o estado fluídico, e reciprocamente.

O perispírito e as aparições

105. Pela sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, e tem isso de comum com uma porção de fluidos que sabemos existir, mas que jamais vimos; mas pode também, como certos fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à visão, seja por uma espécie de condensação, seja por uma alteração, seja por uma alteração em sua disposição molecular; é quando nos aparece sob uma forma vaporosa. A condensação (e não é preciso tomar esta palavra ao pé da letra, de vez que a empregamos na falta de outra e a título de comparação), a condensação, dizíamos, pode ser tal que o perispírito adquira as propriedades de um corpo sólido e tangível; mas pode, instantaneamente, retomar seu estado etéreo e invisível. Podemos nos inteirar desse efeito pelo do vapor, que pode passar da invisibilidade ao estado brumoso, depois líquido, depois sólido e vice-versa. Estes diferentes estados do perispírito resultam da vontade do Espírito, e não de uma causa física exterior como em nosso gás. Quando nos aparece é porque colocou seu perispírito no estado necessário para torná-lo visível; mas para isso sua vontade não basta, porque a modificação do perispírito se opera pela sua combinação com o fluido próprio do médium; ora, esta combinação não é sempre possível, o que explica porque a visibilidade dos Espíritos não é geral. Assim, não basta que o Espírito queira se mostrar; não basta, também que uma pessoa queira vê-lo: é necessário que os dois fluidos possam se combinar, que haja entre eles uma espécie de afinidade; pode ser também que a emissão de fluido da pessoa seja bastante abundante para operar a transformação do perispírito, e provavelmente existam ainda outras condições que nos são desconhecidas; é preciso, enfim, que o Espírito tenha a permissão de se fazer ver a tal pessoa, o que não lhe é sempre concedido ou não o é senão em certas circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

106. Uma outra propriedade do perispírito, e que diz respeito à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Matéria nenhuma lhe é obstáculo: ele as atravessa todas como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há recinto fechado que se possa opor à entrada dos Espíritos; vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente como ao homem que está no meio dos campos.

O perispírito e as manifestações

109. O perispírito, como se vê, é o princípio de todas as manifestações; seu conhecimento deu a chave de uma multidão de fenômenos e um passo imenso à ciência espírita, abrindo-lhe um caminho novo, tirando-lhe todo o caráter maravilhoso. Encontramos, pelos próprios Espíritos, porque, notai bem, foram eles que nos colocaram no caminho, a explicação da ação dos Espíritos sobre a matéria, do movimento dos corpos inertes, dos ruídos e das aparições. Aí encontraremos, ainda, a de vários outros fenômenos que nos restam a examinar, antes de passarmos ao estudo das comunicações propriamente ditas. Tanto melhor se as compreenderá quando melhor nos dermos conta das causas primeiras. Se se compreendeu bem esse princípio, far-se-á por si mesmo sua aplicação aos diversos fatos que poderão se apresentar ao observador.

O perispírito e as visões

19. A visão dos Espíritos se produz no estado normal ou somente em um estado de êxtase?
Pode ocorrer em condições perfeitamente normais; entretanto, as pessoas que os vêem, bastante freqüentemente, estão num estado particular, vizinho do êxtase, que lhes dá uma espécie de dupla vista (O Livro dos Espíritos, no 447.)

20. Aqueles que vêem os Espíritos, os vêem pelos olhos?
Eles o crêem, mas, na realidade, é a alma quem vê, e, o que o prova, é que se pode ver com os olhos fechados.

21. Como o Espírito pode se tornar visível?
O princípio é o mesmo de todas as manifestações, e prende-se às propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações à vontade do Espírito.

22. O Espírito, propriamente dito, pode se tornar visível ou não o pode senão com a ajuda do perispírito?
No vosso estado material, os Espíritos não podem se manifestar senão com a ajuda do seu envoltório semi-material; é o intermediário através do qual age sobre os vossos sentidos. É sob este envoltório que eles aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou outra diversa, seja nos sonhos, seja mesmo no estado de vigília, tanto na luz como na obscuridade.

23. Poder-se-ia dizer que é pela condensação do perispírito que o Espírito se torna visível?
Condensação não é a palavra; é antes uma comparação que pode ajudar-vos a fazer compreender o fenômeno, porque não há realmente condensação. Pela combinação dos fluidos, se produz no perispírito uma disposição particular, que não tem analogia para vós, e que o torna perceptível.

24. Os Espíritos que aparecem são sempre inapreensíveis e inacessíveis ao tato?

Inapreensíveis como num sonho, em seu estado normal; entretanto, podem fazer impressões sobre o tato, e deixar traços de sua presença, e mesmo, em certos casos, tornarem-se momentaneamente tangíveis, o que prova que entre eles e vós há uma matéria.

113.

a) As visões são sempre reais ou, algumas vezes são o efeito da alucinação? Quando se vê, em sonho ou de outro modo, o diabo, por exemplo, ou outras coisas fantásticas que não existem, isso não é um produto da imaginação?

Sim, algumas vezes, quando se está impressionado por certas leituras ou por histórias de feitiçaria que impressionam, se as recorda pode-se crer ver o que não existe. Mas dissemos também que o Espírito, sob seu envoltório semi-material, pode tomar todas as espécies de formas para se manifestar. Um Espírito zombeteiro pode, pois, aparecer com chifres e garras se isso lhe apraz, para se divertir com a credulidade, como um bom Espírito pode se mostrar com asas e uma figura radiosa.

O CÉU E O INFERNO

O perispírito é o envoltório fluídico da alma, da qual não está separado nem antes, nem depois da morte, e com a qual não faz, por assim dizer, senão um, porque um não se pode conceber sem o outro. Durante a vida, o fluido perispiritual penetra o corpo, em todas as suas partes, e serve de veículo às sensações físicas da alma; é também por esse intermédio que a alma atua sobre o corpo e dirige-lhe os movimentos.

4. – A extinção da vida orgânica provoca a separação da alma e do corpo, pela ruptura do laço fluídico que os une; mas essa separação jamais é brusca; o fluido perispiritual se separa pouco a pouco de todos os órgãos, de sorte que a separação não é completa e absoluta senão quando não reste mais um único átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa, que a alma sente nesse momento, está em razão da soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e lentidão que apresente a separação. Não é preciso, pois, dissimular-se que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São estas diferentes circunstâncias que iremos examinar.

5. – Coloquemos primeiro, como princípio, os quatro casos seguintes, que podem ser consideradas as situações extremas, entre as quais há uma multidão de nuances:

1.^a) Se no momento da extinção da vida orgânica o desligamento do perispírito estivesse completamente operado, a alma não sentiria absolutamente nada;

2.^a) se, nesse momento, a coesão dos dois elementos está com toda sua força, produz-se uma espécie de dilaceramento que reage dolorosamente sobre a alma;

3.^a) se a coesão é fraca, a separação é fácil e se opera sem abalo;

4.^a) se, depois da cessação completa da vida orgânica, existem ainda numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo, até que o laço esteja inteiramente rompido.

Disso resulta que o sofrimento, que acompanha a morte, está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito; que tudo o que pode ajudar na diminuição dessa força e na rapidez do desligamento torna a passagem menos penosa; enfim, que se o desligamento se opera sem nenhuma dificuldade, a alma não sente nenhuma sensação desagradável.

6. – Na passagem da vida corpórea para a vida espiritual, produz-se, ainda, um outro fenômeno de importância capital: o da perturbação. Nesse momento, a alma sente um entorpecimento que paralisa, momentaneamente, as suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações; está, por assim dizer, cataleptizada, de sorte que quase nunca testemunha consciente o último suspiro. Dizemos quase nunca porque há um caso em que pode dele ter consciência, assim como o veremos daqui a pouco. A perturbação pode, pois, ser considerada como estado normal no instante da morte; a sua duração é indeterminada; varia de algumas horas a alguns anos. À medida que ela se dissipa, a alma está na situação do homem que sai de um sono profundo; as idéias estão confusas, vagas e incertas; vê-se como através de um nevoeiro; pouco a pouco a visão se ilumina, a memória retorna e ela se reconhece. Mas esse despertar é bem diferente, segundo os indivíduos; nuns é calmo e proporciona uma sensação deliciosa; noutros, é cheio de terror e ansiedade, e produz o efeito de um horrível pesadelo.

Propriedade luminosa do Perispírito

"O perispírito possui, por sua natureza, uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o império da atividade e das qualidades da alma. Poder-se-ia dizer que essas qualidades são para o fluido perispiritual o que a fricção é para o fósforo. O brilho da luz está em razão da pureza do Espírito; as menores imperfeições morais a obscurecem e a enfraquecem. A luz que irradia de um Espírito é, assim, tanto mais viva quanto este seja avançado. O Espírito sendo, de alguma sorte, o seu farol, vê mais ou menos segundo a intensidade da luz que produz; de onde resulta que aqueles que nada produzem estão na obscuridade."

GÊNESE

O Perispírito e encarnação dos Espíritos

O fluido perispiritual é, pois, o traço de união entre o Espírito e a matéria. Durante a sua união com o corpo, é o veículo de seu pensamento, para transmitir o movimento às diferentes partes do organismo que agem sob o impulso de sua vontade, e para repercutir no Espírito as sensações produzidas pelos agentes exteriores. Ele tem por fio condutor os nervos, como no telégrafo o fluido elétrico tem por condutor o fio metálico.

18. – Quando o Espírito deve se encarnar num corpo humano em vias de formação, um laço fluídico, que não é outra coisa senão uma expansão do seu perispírito, liga-o ao germe para o qual se acha atraído, por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o germe se desenvolve, o laço se aperta; sob a influência do princípio vital material do germe, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, com o corpo que se forma: de onde se pode dizer que o Espírito, por intermédio de seu perispírito, toma, de alguma sorte, raiz nesse germe, como uma planta na terra. Quando o germe está inteiramente desenvolvido, a união é completa, e, então, ele nasce para a vida exterior.

Por um efeito contrário, essa união do perispírito e da matéria carnal, que se cumprira sob a influência do princípio vital do germe, quando esse princípio deixa de agir, em consequência da desorganização do corpo, a união, que era mantida por uma força atuante, cessa quando essa força deixa de agir; então o perispírito se desliga, molécula a molécula, como estava unido, e o Espírito se entrega à sua liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo, mas a morte do corpo que causa a partida do Espírito.

Desde o instante que se segue à morte, a integridade do Espírito está inteira; que as suas faculdades adquirem mesmo uma penetração maior, ao passo que o princípio de vida está extinto no corpo, é a prova evidente de que o princípio vital e o princípio espiritual são duas coisas distintas.

Fluidos do perispírito

22. – Na impossibilidade que está o homem de compreender a própria essência da Divindade, não pode dela fazer senão uma idéia aproximada, com a ajuda de comparações, necessariamente, muito imperfeitas, mas, que podem, pelo menos, mostrar-lhe a possibilidade daquilo que, à primeira vista, parece-lhe impossível.

Suponhamos um fluido bastante sutil para penetrar todos os corpos; esse fluido, sendo ininteligente, age mecanicamente, tão-só pelas forças materiais; mas, se supusermos esse fluido dotado de inteligência, de faculdades perceptivas e sensitivas, ele agirá, não mais cegamente, mas, com discernimento, com vontade e liberdade; verá, entenderá e sentirá.

23. – As propriedades do fluido perispiritual podem nos dar uma idéia disso. Ele não é inteligente, por si mesmo, uma vez que é matéria, mas é o veículo do pensamento, das sensações e das percepções do Espírito.

O fluido perispiritual, não é o pensamento do Espírito, mas o agente e intermediário desse pensamento; como é ele que o transmite, dele está, de certa forma, impregnado, e, na

impossibilidade, que estamos, de isolá-lo, parece não formar senão um com o fluido, do mesmo modo que o som parece não formar senão um com o ar, de sorte que podemos, por assim dizer, materializá-lo. Do mesmo modo que dizemos que o ar se torna sonoro, poderíamos, tomando o efeito pela causa, dizer que o fluido se torna inteligente.

24. – Que ocorra assim, ou não, com o pensamento de Deus, quer dizer, que ele atue diretamente ou por intermédio de um fluido, para facilidade de nossa inteligência, representemo-lo sob a forma concreta de um fluido inteligente, preenchendo o Universo infinito, penetrando todas as partes da criação: a Natureza inteira está mergulhada no fluido divino; ora, em virtude do princípio de que as partes de um todo são da mesma natureza, e têm as mesmas propriedades do todo, cada átomo desse fluido, se pode exprimir-se assim, possuindo o pensamento, quer dizer, os atributos essenciais da Divindade, e esse fluido estando por toda a parte, tudo está submetido à sua ação inteligente, à sua providência, à sua solicitude; não há um ser, por ínfimo que se o suponha, que, dele não esteja de algum modo saturado. Estamos, assim, constantemente em presença da Divindade; não há uma única das nossas ações, que possamos subtrair ao seu olhar; o nosso pensamento está em contato com o seu pensamento, e é com razão que se diz que Deus lê nas mais profundas dobras do nosso coração. Estamos nele, como ele está em nós, segundo a palavra do Cristo.

Para estender sua solicitude sobre todas as criaturas, Deus não tem, pois, necessidade de mergulhar seu olhar do alto da imensidade; as nossas preces, para serem ouvidas por ele, não têm necessidade de cortarem o espaço, nem de serem ditas com voz retumbante, porque, incessantemente ao nosso lado, os nossos pensamentos repercutem nele. Os nossos pensamentos são iguais aos sons de um sino, que fazem vibrar todas as moléculas do ar ambiente.

25. – Longe de nós o pensamento de materializar a Divindade; a imagem de um fluido inteligente universal não é, evidentemente, senão uma comparação, mais própria para dar uma idéia a mais justa de Deus, do que os quadros que o representam sob uma figura humana; ela tem por objeto fazer compreender a possibilidade, para Deus, de estar por toda parte e de se ocupar de tudo.

26. – Temos, incessantemente, sob os olhos, um exemplo que pode nos dar uma idéia do modo pelo qual a ação de Deus pode se exercer sobre as partes mais íntimas de todos os seres, e, por conseguinte, como as impressões, as mais sutis, da nossa alma, chegam a ele. Foi tirada de uma instrução dada por um Espírito a esse respeito.

27. – "O homem é um pequeno mundo cujo diretor é o Espírito, e no qual o princípio dirigido é o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito seria Deus. (Compreendeis que não se pode ver aqui senão uma questão de analogia, e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, se se pode dizer assim, localizadas em um lugar especial do corpo; se bem que o número dessas partes constitutivas, de natureza tão variadas e tão diferentes, seja considerável, entretanto, ninguém duvida que não possa se produzir um movimento, que uma impressão qualquer possa ocorrer em um lugar particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Há sensações diversas em vários lugares simultâneos? O Espírito as sente todas, discerne-as, analisa-as, assinala, para cada uma, a sua causa e o seu lugar de ação, por intermédio do fluido perispiritual.

"Um fenômeno análogo ocorre entre a criação e Deus. Deus está por toda a parte na Natureza, do mesmo modo que o Espírito está por toda a parte no corpo; todos os elementos da criação

estão em relação constante com ele, do mesmo modo que todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, nenhuma razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma forma, num e noutro caso.

"Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão postos em vibração: o Espírito sente cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe tudo o que se passa, assinala a cada um o que lhe é particular.

"Pode-se disso deduzir, igualmente, a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres, de um mundo, entre si, a de todos os mundos, enfim, a das criações e do Criador."

(*Quinemant*, Sociedade de Paris, 1867).

28. – Compreendemos o efeito, já é muito; do efeito remontamos à causa, e julgamos da sua grandeza pela grandeza do efeito; mas a sua essência íntima nos escapa, igual a da causa de uma multidão de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravidade; calculamo-los e, no entanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produziu. É, pois, mais racional, negar o princípio divino, porque não o compreendemos?

29. – Nada impede admitir, para o princípio de soberana inteligência, um centro de ação, um foco principal irradiando, sem cessar, inundando o Universo com seus fluidos, do mesmo modo que o Sol com a sua luz. Mas onde está esse foco? É o que ninguém pode dizer. É provável que esteja mais fixado em um ponto determinado do que não esteja a sua ação, e que percorra, incessantemente, as regiões do espaço sem limites. Se simples Espíritos têm o dom de ubiqüidade, essa faculdade, em Deus, deve ser sem limites. Deus, preenchendo o Universo, poder-se-ia, ainda, admitir, a título de hipótese, que esse foco não tem necessidade de se transportar, e que se forma sobre todos os pontos, onde a soberana vontade julgue a propósito produzir-se, de onde se poderia dizer que ele está por toda a parte e em parte alguma.

30. – Diante desses problemas insondáveis, a nossa razão deve se humilhar. Deus existe; disso não poderemos duvidar; é infinitamente justo e bom; é a sua essência; a sua solicitude se estende a todos: compreende-mo-lo; não pode, pois, querer senão o nosso bem, e é por isso que devemos ter confiança nele: eis o essencial; quanto ao mais, esperemos que sejamos dignos de compreendê-lo.

Formação e propriedades do perispírito.

7. – O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos produtos mais importantes do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido ao redor de um foco de inteligência ou alma. Viu-se que o corpo carnal tem igualmente seu princípio neste mesmo fluido transformado e condensado em matéria tangível; no perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porque o fluido conserva a sua imponderabilidade e as suas qualidades etéreas. O corpo perispiritual e o corpo carnal têm, pois, a sua fonte no mesmo elemento primitivo; um e o outro, são da matéria, embora sob dois estados diferentes.

8. – Os Espíritos haurem o seu perispírito no meio onde se encontrem, quer dizer que este envoltório é formado de fluidos ambientes; disso resulta que os elementos constitutivos do

perispírito devem variar segundo os mundos. Sendo dado como um mundo muito avançado, comparativamente à Terra, Júpiter, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ser ali de uma natureza infinitamente mais quintessenciada do que sobre a Terra. Ora, do mesmo modo que nós não poderíamos existir nesse mundo com o nosso corpo carnal, nossos Espíritos não poderiam ali penetrar com o seu perispírito terrestre. Deixando a Terra, o Espírito nela deixa o seu envoltório fluídico, e se reveste de um outro apropriado ao mundo onde deve ir.

9. – A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade e, por conseqüência, não podem, à vontade, se transportar de um mundo para outro. Alguns há cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável, com relação à matéria tangível, é ainda muito pesado, se assim se pode exprimir, com relação ao mundo espiritual, para permitir-lhe sair de seu meio. É necessário classificar, nesta categoria, aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que o confundam com o seu corpo carnal, e que, por esta razão, se crêem sempre vivos. Estes Espíritos, e o número deles é grande, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, crendo sempre vagar em suas ocupações; outros, um pouco mais desmaterializados, não são, entretanto, o bastante para se elevarem acima das regiões terrestres (1).

Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir para os mundos inferiores e mesmo neles se encarnarem. Eles retiram, nos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais do envoltório fluídico, ou carnal, apropriado ao meio onde se encontrem. Fazem como o grande senhor que deixa as suas belas vestes para se revestir momentaneamente do burel, sem deixar, por isso, de ser grande senhor.

Assim é que, Espíritos de ordem mais elevada, podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou se encarnar em missão entre eles. Estes Espíritos carregam consigo, não o seu envoltório, mas a lembrança, por intuição, das regiões de onde vêm, e que vêm pelo pensamento. São videntes entre cegos.

10. – A camada dos fluidos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera, mais pesadas, mais compactas, menos puras do que as camadas superiores. Estes fluidos não são homogêneos, são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre as quais se encontram, necessariamente, as moléculas elementares que lhes formam a base, mas, mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por estes fluidos estarão em razão da soma das partes puras que encerram. Tal é, por comparação, o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias: seu peso específico aumenta com esta mistura, ao mesmo tempo que a sua força e sua inflamabilidade diminuem, se bem que no todo haja o álcool puro.

Os Espíritos são chamados a viver nesse meio e aí haurem o seu perispírito; mas, segundo o Espírito seja mais ou menos depurado, ele mesmo, seu perispírito se forma das partes mais puras, ou as mais grosseiras, do fluido próprio do mundo onde se encarna. O Espírito aí produz, sempre por comparação e não por assimilação, o efeito de um reativo químico que atrai para si as moléculas que se assemelham à sua natureza.

Disto resulta este fato capital, que a constituição íntima do perispírito não é idêntica entre todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados, que povoam a Terra ou o espaço circundante. Não ocorre o mesmo com o corpo carnal, que, como isso foi demonstrado, está formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. Também, entre

todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, ao passo que diferem por tudo o que é inerente ao perispírito.

Disso resulta ainda que: o envoltório perispiritual do mesmo Espírito se modifica com o progresso deste, a cada encarnação, se bem que encarnando num mesmo meio; que os Espíritos superiores se encarnando, excepcionalmente, em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.

11. – O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que devem nele viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluido espiritual ou etéreo, mesmo sobre a Terra. O fluido etéreo é para as necessidades do Espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados. Ora, do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para os seus pulmões, os Espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluidos mais etéreos. Não morrem com isso, porque o Espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém deles distantes, como se distancia de um fogo muito ardente ou de uma luz muito ofuscante. Eis porque eles não podem sair do meio apropriado à sua natureza; para isto mudar, é preciso que mudem primeiro a sua natureza; que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; em uma palavra, que se depurem e se transformem moralmente; então, gradualmente, eles se identificam com um meio mais depurado, que se torna para eles uma falta, uma necessidade, como os olhos daquele que, por muito tempo, viveu nas trevas se habitua insensivelmente à luz do dia e ao brilho do Sol.

12. – Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo; tudo está submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A Terra é como um vaso de onde escapa uma fumaça espessa, que se clareia à medida que se eleva, e cujas partes rarefeitas se perdem no espaço infinito.

A força divina brilha em todas as partes deste conjunto grandioso, e se quereria que, para melhor atestar o seu poder, Deus, não contente com aquilo que fez, viesse perturbar essa harmonia! Que se abaixe ao papel de mágico, por pueris efeitos dignos de um prestigitador! E se ousa, para crescer, dar-lhe por rival, em habilidade, o próprio Satanás! Nunca, em verdade, se rebaixou mais a majestade divina, e se espanta com o progresso da incredulidade!

Tendes razão em dizer: "A fé se vai", mas é a fé em tudo o que choca o bom senso e a razão que se vai; a fé semelhante àquela que fez dizer outrora: "Os deuses se vão!" Mas a fé nas coisas sérias, a fé em Deus e na imortalidade está sempre viva no coração do homem, e se ela foi abafada sob as pueris histórias com as quais a sobrecarregaram, ela se revela mais forte desde que esteja liberta, como a planta comprimida se eleva desde que receba o Sol!

Sim, tudo é milagre na Natureza, por que tudo é admirável e testemunha da sabedoria divina. Estes milagres são para todo o mundo, para todos aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir, e não em proveito de alguns. Não! Não há milagres no sentido que se liga a este nome, porque tudo ressalta das leis eternas da criação e essas leis são perfeitas.

OBRAS PÓSTUMAS

O perispírito e as enfermidades

10. Na encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito: o corpo não é para ele senão um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que deve cumprir, e do qual ele se despoja na morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, que o perispírito transmite, e o corpo executa.

11. O perispírito, de nenhum modo, está encerrado nos limites do corpo, como numa caixa; pela sua natureza fluídica, ele é expansível; irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos; de onde se segue que as pessoas que, de nenhum modo, não estão em contato corporal, podem estar pelo seu perispírito e se transmitir impressões, com o seu desconhecimento, alguma vezes mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. Sendo o perispírito um dos elementos constitutivos do homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até um certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem em conta a influência do elemento espiritual na economia, terão dado um grande passo, e horizontes inteiramente novos se abrirão diante delas; muitas causas de enfermidades serão então explicadas e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. A sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, uma vez que se sabe que os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e fluidos imponderáveis. Não há, pois, de nenhum modo, lugar para se espantar de ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de todas as espécies, levantamento de objetos, transportados ou projetados no espaço. Não há nenhuma necessidade, para disso se dar conta, de recorrer ao maravilhoso ou aos efeitos sobrenaturais.

14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem se manifestar de várias maneiras diferentes: por efeitos físicos, tais como os ruídos e o movimento de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, o ouvido, a palavra, o toque, a escrita, o desenho, a música, etc., em uma palavra, por todos os meios que podem servir para colocá-los em relação com os homens.

Expansão dos fluidos do perispírito

Estaríamos agradecidos àqueles dos nossos correspondentes que quisessem fazer disso um objeto de estudo especial, seja pessoalmente, seja por intermédio dos Espíritos, de nos comunicar o resultado de suas pesquisas, bem entendido, no interesse da difusão da verdade.

Percorrendo rapidamente os anais anteriores da Revista, e aproximando os fatos assinalados e as teorias emitidas para explicá-los, deles chegamos a concluir que conviria talvez dividir os fenômenos em duas categorias bem distintas, o que permitiria aplicar-lhes explicações diferentes e demonstrar que as impossibilidades que se opõem à sua aceitação pura e simples, são antes aparentes do que reais. (Ver, para esse efeito, os artigos da Revista Espírita de janeiro de 1859, O duende de Bayonne; fevereiro de 1859, os Agêneres, Meu amigo Hermann; maio de 1859, o Laço entre o Espírito e o corpo; novembro de 1859, a alma errante; janeiro de 1860, o Espírito de um lado e o corpo do outro; março de 1860, Estudo sobre o Espírito das pessoas vivas; O Doutor V... e a Srta. S...; abril de 1860, o Fabricante de São-Petersburgo; Aparições tangíveis; novembro de 1860, História de Marie d'Agréda; julho de 1864, Uma aparição providencial, etc., etc.)

A faculdade de expansão dos fluidos perispirituais está hoje superabundantemente demonstrada pelas operações cirúrgicas, as mais dolorosas, realizadas sobre enfermos adormecidos, seja pelo clorofórmio e o éter, seja pelo magnetismo animal. Não é raro, com efeito, ver estes últimos conversando com os assistentes sobre coisas agradáveis ou alegres, ou se transportando ao longe em Espírito, enquanto que o corpo se retorce com todas as aparências de horríveis torturas; a máquina humana, imobilizada no todo ou em parte, se dilacera sob o escalpelo brutal do cirurgião, os músculos se agitam, os nervos se crispam e transmitem a sensação ao aparelho cérebro-espinhal; mas a alma, que no estado normal percebe só a dor e a manifesta exteriormente, momentaneamente afastada do corpo submetido à impressão, dominada por outros pensamentos, por outras ações, não é senão surdamente advertida do que se passa no seu envoltório mortal e nele permanece perfeitamente insensível. Quantas vezes não se viram soldados feridos gravemente, todo ao ardor do combate, perdendo seu sangue e sua força, lutar por muito tempo ainda, não se apercebendo de suas feridas? Um homem, fortemente preocupado, recebe um choque violento sem nada sentir-lhe, e não é senão quando cessa a abstração de sua inteligência que ele reconhece haver estado chocado à sensação dolorosa que prova. A quem não ocorreu, numa poderosa contenção do Espírito, de atravessar uma multidão tumultuosa e barulhenta, sem nada ver e sem nada ouvir, se bem que, entretanto, o nervo óptico e o aparelho auditivo tivessem percebido as sensações e as tivesse transmitido fielmente à alma?

Disso não se pode duvidar, pelos exemplos que precedem e por uma multidão de fatos que seria muito longo relacionar aqui, mas que cada um está no caso de apreciar, o corpo pode, de uma parte, cumprir as suas funções orgânicas, ao passo que o Espírito é levado ao longe pelas preocupações de uma outra ordem. O perispírito, indefinidamente expansível, conservando ao corpo a elasticidade e a atividade necessárias à sua existência, acompanha constantemente o Espírito durante a sua viagem distante no mundo ideal.

Perispírito, princípio das manifestações.

9. Os Espíritos, como foi dito, têm um corpo fluídico ao qual se dá o nome de perispírito. A sua substância é haurida no fluido universal, ou cósmico, que o forma e o alimenta, como o ar forma e alimenta o corpo material do homem. O perispírito é mais ou menos etéreo segundo os mundos e segundo o grau de depuração do Espírito. Nos mundos dos Espíritos inferiores, a sua natureza é mais grosseira e mais se aproxima da matéria bruta.

10. Na encarnação, o Espírito conserva o seu perispírito: o corpo não é para ele senão um segundo envoltório mais grosseiro, mais resistente, apropriado às funções que deve cumprir, e do qual ele se despoja na morte.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e o corpo; é o órgão de transmissão de todas as sensações. Para aquelas que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite, e o Espírito, o ser sensível e inteligente, a recebe; quando o ato parte da iniciativa do Espírito, pode-se dizer que o Espírito quer, que o perispírito transmite, e o corpo executa.

11. O perispírito, de nenhum modo, está encerrado nos limites do corpo, como numa caixa; pela sua natureza fluídica, ele é expansível; irradia ao redor e forma, em torno do corpo, uma atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem estender mais ou menos; de onde se segue que as pessoas que, de nenhum modo, não estão em contato corporal, podem estar pelo seu perispírito e se transmitir impressões, com o seu desconhecimento, alguma vezes mesmo a intuição de seus pensamentos.

12. Sendo o perispírito um dos elementos constitutivos do homem, desempenha um papel importante em todos os fenômenos psicológicos e, até um certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos. Quando as ciências médicas tiverem em conta a influência do elemento espiritual na economia, terão dado um grande passo, e horizontes inteiramente novos se abrirão diante delas; muitas causas de enfermidades serão então explicadas e poderosos meios de combatê-las serão encontrados.

13. É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. A sua natureza etérea não poderia ser um obstáculo, uma vez que se sabe que os mais poderosos motores se encontram nos fluidos mais rarefeitos e fluidos imponderáveis. Não há, pois, de nenhum modo, lugar para se espantar de ver, com a ajuda dessa alavanca, os Espíritos produzirem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de todas as espécies, levantamento de objetos, transportados ou projetados no espaço. Não há nenhuma necessidade, para disso se dar conta, de recorrer ao maravilhoso ou aos efeitos sobrenaturais.

14. Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem se manifestar de várias maneiras diferentes: por efeitos físicos, tais como os ruídos e o movimento de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, o ouvido, a palavra, o toque, a escrita, o desenho, a música, etc., em uma palavra, por todos os meios que podem servir para colocá-los em relação com os homens.

15. As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas. As primeiras ocorrem inopinadamente e de improviso; elas se produzem, freqüentemente, nas pessoas mais estranhas às idéias espíritas. Em certos casos, e sob o império de certas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas dotadas, para esse efeito, de faculdades especiais.

As manifestações espontâneas ocorreram em todas as épocas e em todos os países; o meio de provocá-las, certamente, era também conhecido na antigüidade, mas era o privilégio de certas castas que não o revelavam senão a raros iniciados, sob condições rigorosas, e escondendo-o ao vulgo, a fim de dominá-lo pelo prestígio de uma força oculta. Não obstante, perpetuou-se através das idades até os nossos dias, em alguns indivíduos, mas quase sempre desfiguradas pela superstição ou misturada às práticas ridículas da magia, o que havia contribuído para desacreditá-la. Isso não fora, até então, senão germes lançados aqui e ali; a Providência reservara à nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos, para livrá-los de suas más ligas e fazê-los servirem para a melhoria da Humanidade, hoje madura para compreendê-los e deles tirar as conseqüências.

Penetrabilidade do perispírito

Uma outra propriedade do perispírito e que se prende à sua natureza etérea, é a penetrabilidade. Nenhuma matéria lhe é obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há clausura que possa se opor à entrada dos Espíritos; eles vão visitar o prisioneiro em seu cárcere tão facilmente quanto o homem que está no meio dos campos.

NOTAS:

[1] - Segundo os Espíritos, de todos os globos que compõem o nosso sistema planetário, a Terra é um daqueles onde os Espíritos são os menos avançados, física e moralmente. Marte seria ainda inferior e Júpiter, o mais superior em relação a todos. O Sol não seria um mundo habitado por seres corporais, mas um local de reunião dos Espíritos superiores que, de lá, irradiam seus pensamentos para outros mundos, que dirigem por intermédio dos Espíritos menos elevados, transmitindo-os a estes, por intermédio do fluido universal. Como constituição física, o Sol seria um foco de eletricidade. Todos os sóis parecem estar numa posição idêntica.

O volume e a distância que estão do Sol não têm nenhuma relação necessária com o grau de adiantamento dos mundos, pois parece que Vênus é mais adiantado que a Terra, e Saturno menos adiantado que Júpiter.

Vários Espíritos que animaram pessoas conhecidas sobre a Terra, disseram estar encarnados em Júpiter, um dos mundos mais próximos da perfeição, e ficaram admirados de ver, nesse globo tão adiantado, homens que, na opinião do nosso mundo, não eram tão elevados. Isso não deve causar admiração, se considerarmos que certos Espíritos que habitam aquele planeta podiam ter sido enviados à Terra para cumprir uma missão, que, aos nossos olhos, não os colocava em primeiro plano; em segundo lugar que, entre a existência que viveram na Terra e a que vivem em Júpiter, devem ter tido outras intermediárias, nas quais se melhoraram; em terceiro lugar, que nesse mundo, como no nosso, existem diferentes graus de adiantamento e que, entre esses graus, pode haver a mesma distância que separa, entre nós, o selvagem do homem civilizado. Assim, do fato de habitarem Júpiter não se segue que estão ao nível dos seres mais avançados, da mesma forma que não se está ao mesmo nível de um sábio do Instituto, só porque se habita em Paris.

As condições de longevidade não são, também, em toda a parte as mesmas de sobre a Terra e a idade não se pode comparar. Uma pessoa desencarnada havia alguns anos, sendo evocada, disse estar encarnada há seis meses num mundo cujo nome nos é desconhecido. Interrogada sobre a idade que tinha esse mundo, respondeu: *"Não posso avaliá-la porque não contamos o tempo como vós; depois o nosso modo de vida não é o mesmo, desenvolvemo-nos com muito maior rapidez; embora não faça mais que seis dos vossos meses que lá estou, quanto à inteligência, posso dizer que tenho trinta anos de idade que tive sobre a Terra."*

Muitas respostas análogas nos foram dadas por outros Espíritos e isso nada tem de inacreditável. Não vemos sobre a Terra um grande número de animais adquirir, em poucos meses, o seu desenvolvimento normal? Por que não poderia ocorrer a mesma coisa com o homem de outras esferas? Notemos, por outro lado, que o desenvolvimento alcançado pelo homem na Terra, na idade de trinta anos, pode ser uma espécie de infância comparado àquele que deve alcançar. Bem curto de vista se revela quem nos toma em tudo por protótipos da Criação, e é rebaixar a Divindade acreditar-se que, fora o homem, nada mais seja possível a Deus.